

2008

n. 9-10/ setembro-outubro

dma

da mihi animas

REVISTA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA



Sinais de amor



da mihi animas

Revista das Filhas de Maria Auxiliadora

Via Ateneo Salesiano, 81 - 00139 Roma RM

tel. 06/87.274.1

fax 06/87.13.23.06

e-mail: dmariv2@cgfma.org

Diretora responsável

Mariagrazia Curti

Redação

Giuseppina Teruggi

Anna Rita Cristaino

Colaboradoras

Tonny Aldana – Julia Arciniegas – Mara Borsi – Piera Cavaglià – Maria Antonia Chinello – Emilia Di Massimo – Dora Eyllenstein – Laura Gaeta – Bruna Grassini – Maria Pia Giudici – Palma Lionetti - Anna Mariani – Cristina Merli – Maria Helena Moreira – Concepción Muñoz – Adriana Nepi – Maria Luisa Nicastro – Louise Passero – Maria Perentaler – Loli Ruiz Perez – Rossella Raspanti – Lucia M. Rocés – Maria Rossi.

Tradutoras

francês – Anne Marie Baud

japonês - inspetoria japonesa

inglês - Louise Passero

polonês - Janina Stankiewicz

português – Maria Aparecida Nunes

espanhol - Amparo Contreras Alvarez

alemão - inspetorias austríaca e alemã

EDIÇÃO EXTRACOMERCIAL

Istituto Internazionale Maria Ausiliatrice - 00139 Roma – Via Ateneo Salesiano, 81 – c.c.p. 47272000
– Reg. Trib. Di Roma n. 13125 del 16-1-1970 – sped. abb. post. – art. 2, comma 20/c, legge 662/96
– Filiale di Roma – n. 3/4 marzo-aprile 2008 – Tip. Istituto Salesiano Pio XI – Via Umbertide, 11 –
00181 Roma.

Traduzida para a Língua Portuguesa

n. 9/10 setembro-outubro/2008

Sumário

Editorial	<i>No limiar da reciprocidade</i>	4
<hr/>		
Dossê	<i>Leigos e fma, sinais de amor aos jovens</i>	5
<hr/>		
Primeiro plano		
<i>A Lâmpada</i>	<i>Reza e contemplação</i>	9
<i>O Evangelho na vida</i>	<i>Deus, onde estás?</i>	10
<i>Diálogo</i>	<i>O Diálogo da Salvação</i>	12
<i>Fio de Ariadne</i>	<i>Reciprocidade</i>	13
<hr/>		
Em busca		
<i>Cooperação e desenvolvimento</i>	<i>Por um trabalho qualificado</i>	18
<i>Direitos humanos e vida consagrada</i>	<i>Justiça e Paz se abraçarão</i>	19
<i>Foto Click</i>	<i>Suas fotos mais belas</i>	21
<i>Polis</i>	<i>Virtude cívica</i>	23
<hr/>		
Comunicar		
<i>Jovens.com</i>	<i>Bem-vindos ao Web 2.0</i>	24
<i>O Ponto</i>	<i>Profundamente leigo, profundamente cristão</i>	26
<i>Estante Sites</i>	<i>Resenha sites Web</i>	27
<i>Vídeo</i>	<i>Nunca é demasiado tarde</i>	28
<i>Estante</i>	<i>Resenha vídeos e livros</i>	29
<i>Livro</i>	<i>O silêncio da inocência</i>	32
<i>Camilla</i>	<i>Eles conosco, ou nós com eles?</i>	33

No limiar da reciprocidade

Giuseppina Teruggi

Perto de Florença, Adriana e Sandro, jovens pais, escolheram instalar-se na casa paroquial onde não há pároco. Colaboram na animação da comunidade cristã. Em Trento, Júlia e Marco, renunciando à carreira, colocam-se à disposição da pastoral paroquial. São jovens leigos que prestam sua colaboração em termos de co-responsabilidade, convencidos de que ser Igreja significa realizar gestos de convergência sobre percursos construídos juntos, consagrados e não-consagrados.

Em visita à Irmãs do Camboja, observei que todas estavam presentes ao encontro programado, então lhes perguntei se teriam fechado a casa. “Não, certamente”, foi a resposta. “Lá estão as voluntárias, as pessoas leigas que levam adiante as atividades”. Castelnuovo Nigra, perto de Turim, tornou-se símbolo de reciprocidade entre fma e Ex-alunas. Uma realidade construída em conjunto na passagem do comando a leigos e leigas por caminhos de continuidade, para além das nossas fronteiras. Analogamente, na casa de retiro de Los Teques, na Venezuela, desde 2006 a comunidade foi retirada e a gestão está agora confiada às Ex-alunas. Em Villetta, no Paraguai, leigas e fma trabalham juntas na animação de uma estrutura familiar que acolhe crianças e jovens em situação precária. Em inúmeras obras pelo mundo, nas escolas, nos centros juvenis, vivemos e trabalhamos lado a lado com leigos e leigas, na partilha da espiritualidade e da mesma missão. E com frequência confiamos a eles espaços de ação que no passado cabiam unicamente a nós. A partir do Concílio e à luz das recentes orientações da Igreja e do Instituto, nós nos firmamos numa mentalidade que exigiu a passagem difícil da distância à colaboração. E que agora, nos torna disponíveis a um novo percurso: da colaboração à co-responsabilidade.

Colaborar, no sentido original do termo, significa sofrer juntos por um trabalho que deve produzir algo de novo. Ser co-responsáveis, é ainda mais: é sentir-se no mesmo nível, embora com papéis diferentes, chamados pelo Espírito, prontos a acolher as suas provocações. Convencidos de que uns não podem prescindir dos outros.

Trata-se de um caminho de reciprocidade iniciado e ainda aberto a outros passos. A teóloga Ina Siviglia reconhece que a relação leigos/religiosos coloca-se *‘no limiar da reciprocidade’*. E sublinha: “Talvez ainda não o tenhamos ultrapassado. Pergunto-me o que seriam na Igreja a comunhão, a missão, o diálogo, a fantasia da caridade, uma vez ultrapassado o limiar: tratar-se-á de uma experiência criativa e livre, de comunhão na reciprocidade. Talvez devamos ainda descobrir em boa parte esta novidade de vida comum, este estar juntos [...] à semelhança da vida trinitária”. Todavia são sempre mais numerosos, em nossas comunidades, os passos concretos para *ultrapassar o limiar*.

gteruggi@cgfma.org

Leigos e FMA, sinais de amor aos jovens

**Um dossiê com mais vozes, fma e leigos, para testemunhar
A importância do trabalho e da vida em conjunto,
Num estilo de comunhão, a fim de
Ser sinais e expressão do amor para os jovens.**

Por uma comunhão plena

Falar sobre o relacionamento com os leigos significa falar sobre uma experiência contínua e imprescindível em nossa vida de mulheres consagradas fma. O relacionamento é uma dimensão da vida cristã que o carisma salesiano desenvolveu como relação educativa em torno da pessoa da/do jovem. Leigos e religiosos, numa vida que se alimenta ao calor de uma mesma paixão pelo bem dos jovens, como em Valdocco e em Mornese, antes mesmo de se falar em eclesiologia e em comunhão. A nossa existência de educadoras salesianas não se concebe sem a relação de reciprocidade com tantas pessoas leigas que – acreditando ou não acreditando em Jesus – aderem conscientemente aos projetos apostólicos das comunidades e conosco vivem o serviço à vida, ainda em crescimento. Trata-se de uma relação que brota de uma mesma fonte: o amor ao outro.

Tanto para os leigos como para nós o amor é vida, alegria, liberdade, fogo que purifica, aposta num mundo novo, abertura à transcendência. Juntos descobrimos e aprofundamos a experiência de um amor manifestado que é alegria e empenho, trabalho e canção, fadiga e trégua, confiança e motivação, atividade e repouso, firmeza e suavidade. O amor é vida de Deus. Dilata o coração constatar que o carisma salesiano compartilhado entre leigos e fma consegue muitas vezes ultrapassar até mesmo as fronteiras da fé, para abranger crentes de outras religiões não-cristãs que, junto conosco, se sentem sinais do amor de Deus aos jovens e se referem a Dom Bosco e a Maria Domingas como a mestres e guias.

De modo particular a comunhão verdadeira entre as ex-alunas, os ex-alunos, as salesianas cooperadoras e cooperadores e as fma testifica que o carisma salesiano é um tesouro comum que pertence a cada grupo e aos três grupos juntos. A espiritualidade salesiana é o elemento unificador, o cimento – gostava de dizer Dom Juan Edmundo Vecchi – que nos une, que torna possível o encontro, é a raiz das relações mútuas, o vínculo que une e ao mesmo tempo diversifica as várias identidades. É grande o desafio de chegar a um relacionamento maduro marcado por uma real interação, com espírito de comunhão e com reconhecida necessidade de complementaridade. Este novo cenário requer grande clareza da própria identidade e uma forte vontade de compartilhar em profundidade, que brota de um processo de formação contínuo tanto dos leigos como das fma. A comunhão leigos-fma é pressuposto e condição para uma verdadeira animação com estilo salesiano, na missão de educar evangelizando, isto é, de iniciar ao verdadeiro amor. A comunhão é a força que alimenta o empenho de re-exprimir juntos – fma e leigos – o Sistema preventivo, considerado como espiritualidade radicada no amor proveniente do Pai, em Cristo, vivido com os jovens na comunidade educativa.

Maria de los Angeles Contreras, Conselheira geral do âmbito para a Família Salesiana

No coração do relacionamento

O modo profundamente diferente de viver o mesmo carisma salesiano entre leigos e religiosos comporta também a necessidade de compartilhar, ou ao menos de conhecer melhor, as dificuldades que o outro encontra ao dialogar e trabalhar conosco. Muitas vezes foi acentuada a diferença de condições, a religiosa e a leiga, mas fez-se também necessário um esforço de compreensão do diferente nível de “preparação” e “formação”. Quando leigos e religiosos trabalham juntos, é necessário levar em conta estas marcantes e objetivas diferenças, que podem também gerar dificuldades de compreensão, sobretudo com relação ao modo diferente de abordar os problemas e de buscar suas soluções. Compartilhamos seguramente a mesma missão, a mesma identidade

carismática, e muito provavelmente a mesma sensibilidade à problemática da educação e do mundo juvenil. Não devemos, todavia, esconder as profundas diferenças em nosso modo de agir, que são precisamente geradas pela diferença de condição ou estado de vida e por um percurso diferente. Com raras exceções, é evidente o quanto diverge o caminho dos leigos e dos religiosos em direção à Família Salesiana. Os primeiros podem provir das mais variadas experiências progressas e, seja lá como for, apegam-se à sua vocação e à Promessa após os caminhos de formação, na verdade não muito intensos e não suficientemente alimentados por uma proposta formativa contínua.

Quanto, porém, à diferença de *estado* da qual naturalmente deriva também uma diferente *graça*, não escapa a ninguém a profunda diversidade entre viver o seu carisma em comunidade, com suas regras, os seus tempos, os seus vínculos, as suas liberdades e viver o mesmo carisma salesiano em comunhão com outros leigos e com os mesmos religiosos e religiosas, mas como leigos, como salesianos inseridos no mundo, com uma família, com os problemas do trabalho, muitas vezes isolados e com todas as obrigações e os condicionamentos que derivam de uma tal condição existencial. Isto para compreender melhor o motivo das dificuldades objetivas que podem surgir no trabalho em conjunto. Às vezes será a consciência dos próprios limites “formativos”, sobretudo quando se trata de enfrentar questões propriamente mais “religiosas”, outras vezes a impossibilidade de superar os limites e as obrigações impostas pelas responsabilidades familiares e pelo trabalho, resta o fato de que inevitavelmente venham a criar-se, no trabalho em comum, relacionamentos de tipo “hierárquico”. Tais relacionamentos podem ser superados ou ao menos mitigados se de um lado, da parte dos leigos, adquire-se maior consciência do próprio carisma e das próprias capacidades, e do outro, da parte dos irmãos e irmãs, a disponibilidade para colocar-se na condição “de servir” em virtude da qual a dimensão em geral quantitativamente maior do trabalho desenvolvido deve-se acrescentar também uma dimensão qualitativamente superior a este trabalho.

Os sdb e as fma deveriam pôr em prática uma ação de “acompanhamento” seja ao crescimento espiritual seja ao crescimento vocacional e missionário, num certo sentido dando continuidade à manifestação e à prática daquela sensibilidade pedagógico-formativa que é própria de sua identidade. Naturalmente, nos vários âmbitos e setores não especificamente carismático-religiosos mas assim mesmo muito importantes, a contribuição de conhecimento e de experiência dos leigos para organizar como Família Salesiana uma adequada resposta educativa às necessidades dos jovens, pode e deve ser diferente também no plano qualitativo, e em tal caso também os papéis podem, num certo sentido, “inverter-se”.

Maria Trigila, Delegada Mundial Salesianos/as Cooperadores/as

Aprendendo a viver em comunhão

É um testemunho concreto o trabalho que há seis anos venho desenvolvendo no interior da Secretaria Executiva Mundial da associação Salesianos Cooperadores. Depois de ser admitido pelo Reitor-Mor de então, Dom Vecchi, procurei permanecer fiel a uma teorização propriamente minha, que havia procurado praticar quando coordenador da Inspeção romana, segundo a qual quando se assume um cargo de “governo” na sociedade é preciso identificar-se plenamente com o ele, mas certamente e sobretudo, vivê-lo em espírito de serviço. Quero dizer que o melhor modo de servir a associação, e através dela a Família Salesiana, é cumprir bem o dever que naquele dado momento e/ou período de tempo nos é pedido para assumir. Quem é chamado a um determinado serviço deve fazê-lo com bom espírito, mas sobretudo, escolhendo-o como missão principal, deixando corajosamente outros empenhos. Portanto, não obstante o trabalho e os empenhos de família, procurei viver a minha salesianidade dedicando-me da melhor maneira possível à tarefa da coordenação em nível mundial, de modo praticamente exclusivo.

Este fato comportou também a necessidade de viver em forte comunhão com os outros membros leigos e religiosos da Secretaria Executiva Mundial, conseguindo, deste modo, viver numerosos e intensos momentos de partilha comunitária, quase experimentando por breves períodos a vida comum específica dos religiosos.

Foi, sem dúvida, um verdadeiro privilégio para mim, porque permitiu-me conhecer melhor, também no plano humano, todos aqueles que partilham comigo esta aventura e este empenho.

Os momentos mais intensos de trabalho e partilha foram aqueles vividos com os religiosos (o Delegado e a Delegada, mas também o Vigário e a Conselheira Geral para a Família Salesiana, e direi

os mesmos Superiores Gerais), dos quais sempre procurei acolher conselhos, soluções e também simples informações, mas nem por isso menos preciosas, sobre a nossa história comum e a dimensão vocacional e carismática. Não sei se, de minha parte, consegui transmitir elementos de vida laical qualitativamente e quantitativamente significativos que possam ter favorecido uma troca e, portanto, um recíproco crescimento, com os membros religiosos chamados a partilhar comigo esta longa caminhada, mas creio que algum sinal ou alguma idéia eles hão de ter colhido.

Rosario Maiorano - Coordenador Mundial Associação Salesianos Cooperadores

Nada é por acaso

Pode acontecer que ao longo da vida, a sua experiência humana seja marcada por episódios que de certa forma condicionam o resto da sua existência. Com a idade de nove anos fiquei órfã, pois meu pai faleceu por um mal então incurável. Tendo ganho uma bolsa de estudos que me permitia conquistar um diploma de curso superior, comecei a freqüentar uma casa das fma. Ao me ver empenhada na Associação das Ex-alunas/os das fma, tomei consciência de que se tratava mesmo de uma verdadeira vocação.

Sim, eu fui "chamada" a viver como leiga a espiritualidade salesiana. Posteriormente, atraída para esta aventura por um explícito pedido da minha Federação que me convidou a fazer parte do Conselho da Confederação, achei necessário estudar a figura de Madre Mazzarello para verificar se era possível que nos nossos dias, leigas e leigos pudessem viver a espiritualidade própria das Filhas de Maria Auxiliadora.

O meu relacionamento com as fma é maduro, de mulheres que olham na mesma direção, que compartilham uma mesma Espiritualidade, porém, com as conotações específicas do próprio estado. Um relacionamento que permite um enriquecimento recíproco: a partir de uma raiz batismal comum, a mulher consagrada oferece o testemunho de uma vida totalmente doada a Cristo e a leiga contribui com uma existência dedicada ao serviço dos outros com um estilo de relação próprio da Espiritualidade salesiano-mornesina, na cotidianidade.

Isto pressupõe uma estima recíproca que se constrói no dia-a-dia, com tenacidade e às vezes com sofrimento, uma vez que não há nada de descontado e previamente estabelecido. O caminho da partilha verdadeira e da co-responsabilidade está em bom andamento entre o Instituto e a Associação. Mas o Instituto e a Associação não são entidades emblemáticas. São compostas por pessoas. E joga-se tudo no relacionamento inter-pessoal.

Duas são as atitudes que, na minha opinião, poderiam afetar o relacionamento entre leigos e pessoas consagradas, com prejuízo da comunhão e da realização comum do projeto de evangelização. Por parte dos leigos, a mal-entendida pretensão de que os Consagrados devam ser irrepreensíveis e infalíveis. Por parte dos consagrados, o orgulho da própria posição na Igreja, um tipo de superioridade que pode manifestar-se no ato de manter os leigos como colaboradores em obras nas quais os verdadeiros protagonistas, porém, são sempre eles.

Eu também passei por esta experiência, mas não me deixei dominar. Cada fma é para mim uma irmã: corre em nossas veias o mesmo sangue salesiano adquirido a partir do "gênio feminino de Maria Domingas Mazzarello". Se é para amar, cada uma de nós pode dar o primeiro passo.

Carolina Fiorica – Presidente Confederação Mundial Ex-alunas/os FMA

Castelnuovo Nigra: Um lar, um coração

Tudo começou com o primeiro encontro da Comissão solidariedade do Conselho da Confederação eleito na Assembléia mundial de 2003. Entre tantas propostas destaca-se: "E se criássemos uma Casa da/o ex-aluna/o? Na realidade este foi um sonho de sempre. Alguém comentou, que não fazia parte do nosso Carisma cuidar dos anciãos! Mas não era isto que se desejava fazer. A Presidente, conhecedora de um "velho" sonho da Associação, afirmou: "Não sou contrária à idéia!!!".

Passados alguns meses, um belo dia, a tesoureira telefonou radiante: "Encontrei a Casa!". A Inspetoria do Piemonte, no âmbito da própria reestruturação devia "fechar", entre outras, também a casa de espiritualidade e acolhida de Castelnuovo Nigra. Parecia estar propriamente respondendo às nossas exigências: grande, acolhedora, situada num ambiente natural próprio para o repouso, para a meditação. Mas não era empresa fácil.

Todo o Conselho da Confederação mergulhou neste desafio com paixão, determinação e uma pitada de inconsciência.

O Instituto deu conosco o salto no escuro. Concordou com a idéia, colocou-se ao nosso lado, ajudou-nos de mil modos. Deparamos com muitas e não pequenas dificuldades. Mas, a cada passo, encontrávamos uma energia inesperada: era como se Alguém agisse em nosso nome e nos impelisse. Onde encontrar dinheiro para esta obra enorme? Era preciso antes de tudo, colocar a casa em ordem fazendo algumas reformas cujo custo para nós era de dar vertigem. Certo dia, lembro-me, minha filha, que é advogada, disse-me em tom de desafio e de reprovação: "Mas o que quer fazer, como Dom Bosco? A Providência...". Respondi simplesmente que sim.

Hoje a Casa está em nossas mãos, confiada à gestão da Confederação que a ocupa de acordo com um comodato de uso, concedido pela Inspetoria Piemontesa.

Funciona continuamente para encontros de espiritualidade e de cultura; acolhe quem quer gozar alguns dias de férias num ambiente natural relaxante e tonificante.

É esta uma iniciativa muito concreta de real partilha e co-responsabilidade entre o Instituto e a Associação, que foi construída *conjuntamente*: nos primeiros passos, no processo burocrático e financeiro, na utilização da casa. As fma continuam a freqüentar, de fato, Castelnuovo Nigra para os Exercícios espirituais, como faziam antes.



A experiência *Oñondivemí*: Juntos com amor

A palavra *Oñondivemí* é guarani, idioma oficial da República do Paraguai. A raiz *oñondive* significa conjunto, união, comunhão, enquanto o sufixo *mi* significa acolhida, solidariedade afetuosa, ternura, amor. É o nome de um projeto comunitário levado avante pelas leigas/leigos e fma na cidade de Villetta em rede com a Fundação *Christian Child Care International* (CCCI) do Canadá, pela erradicação da pobreza infantil e juvenil da zona. Um dos objetivos do Projeto é reforçar a consciência e solicitar o apoio da comunidade católica em torno à emergência das crianças e jovens que vivem em situação de pobreza, sem oportunidades de desenvolvimento e de educação. Há tempo a presença das fma em Villetta encontrava-se em crise, sem recursos econômicos para sustentar os serviços urgentes da população. A Inspetoria estava a ponto de fechar uma obra que no passado havia tido um grande florescimento por meio das oficinas de tecido artesanal do *ñandutí*, renda típica e muito fina. Um grupo significativo de leigos empenhados, entre eles ex-alunas, pais, jovens do Movimento Juvenil Salesiano, não se conformavam com esse fechamento, sobretudo diante do grande número de meninas/os e de adolescentes na rua, sem possibilidade de estudar, mal alimentados, presa fácil ao alcoolismo, droga, prostituição. A realidade tornava-se um desafio muito forte para as fma e os leigos quando vieram a conhecer o trabalho da CCCI. Um dos requisitos da Fundação é o trabalho em equipe; mas o terreno já estava preparado para isto graças ao caminho de estreita colaboração e de comunhão que há tempo se vivia entre os leigos e as irmãs. Hoje juntos levam avante uma obra que atende 420 pessoas, entre crianças e jovens e que espera poder chegar a 1000, abrangendo crianças do primeiro ano da escola elementar até o último ano da escola secundária. Quatro leigas/os e duas fma formam a equipe responsável permanente: uma diretora, dois educadores, uma secretária, dois professores para a cobertura escolar. Todos são remunerados pela CCCI. Mas existe também a equipe de trabalho ampliado que presta serviços profissionais (médicos, psicólogos, alfaiates, sapateiros...) leigas e leigos do lugar, de acordo com o Projeto.

O acompanhamento das crianças e dos jovens é a missão mais delicada e difícil. Também o trabalho com as famílias é árduo, lento, requer paciência, mas está trazendo muitos frutos. Fma e leigos inseparáveis neste Projeto oferecem um programa formativo periódico aos pais com um espaço para a evangelização explícita e o estudo da Doutrina Social da Igreja.

Oñondivemí, leigas/leigos e fma, juntos com amor, podem restituir dignidade às famílias que perderam a esperança e a possibilidade de educar os próprios filhos.

A LÂMPADA

Reza e contempla

V passo da *lectio*

Graziela Curti

Estamos no quinto passo da *lectio divina*, que temos nos esforçado para apresentar em nossa revista. Naturalmente, todos os dias, esses passos que nos introduzem ao encontro com o Senhor, ocorrem num tempo mais breve, concentrado. Por isso precisam ser preparados com um intervalo. Todo o dia deve ter como pano de fundo a ressonância da Palavra que meditamos no dia anterior ou que contemplaremos na manhã seguinte. Só assim, abrindo espaço para a Escritura em nossa vida conseguiremos realizar a verdadeira oração, aquela inspirada por Deus mesmo. E, por graça do Espírito, mestre interior, chegaremos também à contemplação, que “é o fruto natural da nossa leitura rezada”.

Responde a Deus

Quando escutas, Deus te fala; quando rezas, tu falas com Deus. (Santo Ambrósio)

A oração é como a respiração. É a nossa resposta ao Deus da vida que nos fala continuamente e que podemos escutar. Mas é propriamente da Palavra que nasce a nossa oração. Ela não pode provir de uma outra fonte, pois teria uma linguagem inadequada. Assim como a Escritura originou-se do Espírito, a oração que dela brota deve ser plasmada pelo próprio Espírito, que “presidiu à sua encarnação”. A repetição de expressões evangélicas compõe, de acordo com os momentos e os sentimentos que temos no coração, o pedido de perdão, o poema de amor, a súplica aflita da nossa oração. Adverte, a este propósito, Santo Agostinho: “Nada dizer sem ele e ele nada dirá sem ti”.

Deus se revelará a quem o chama e lhe fala com o seu sotaque, com a sua linguagem.

Com todo o ser

Minha força e o meu canto é o Senhor. Ele é o Salvador de Israel.

Somente os místicos podem tentar balbuciar algumas palavras sobre a contemplação, que às vezes se segue à oração. Além dos santos como Teresa d´Ávila, João da Cruz e tantos outros que fazem parte da experiência cristã, há também os antigos povos do oriente que se voltam para Deus e nele se imergem plenamente chegando a contemplar o seu mistério e a encarnar a sua voz. Galal Al-Din-Rumi, poeta e místico medieval persa, escreve: “Tu és o mar e eu nado em ti como um peixe;/ Tu és o deserto que eu percorro, como uma gazela./ Enche-me com o teu sopro. Não posso viver sem ele,/ porque eu sou o teu oboé. E emito som...”

Não é sempre tão comum ancorar na contemplação, que permanece um dom, um presente de Deus. Quando somos invadidos por ela, acolhamo-la com um agradecimento.

Agradece

Nós te damos graças, Senhor, por todos os teus benefícios, por cada coisa que criaste para nossa alegria e, sobretudo, por aquilo que és!

Poder fazer diariamente a *lectio divina*, poder aproximar-se da Palavra, na paz, é um dom tão grande que muitos nos invejam. O único sentimento que pode nascer deste presente divino é a gratidão. A atitude de admiração diante de tantas graças que recebemos, diante da beleza que encontramos em nosso caminho, da ternura que nos é oferecida cada dia e que podemos doar, do calor familiar e da comunidade em que vivemos, é também fruto de uma assiduidade à Palavra.

Agradecer significa experimentar pôr em prática esta Palavra que alcançou nossa solidão e a iluminou, em cada momento.

Também Maria Domingas Mazzarello

Sua vida alegre no trabalho do campo, sua dedicação generosa à família, sua oração ao longo do dia e à noite, na janelinha, olho da sua contemplação, tinham sempre o tom do agradecimento. Maria Domingas agradecia a Deus pelos frutos da terra, pelos vinhedos sobre as colinas, pelos longos e coloridíssimos pores de sol de Mornese, pela sucessão das estações e, sobretudo, agradecia o Senhor pela família que lhe havia dado, pela possibilidade de encontrar-se com ele na Eucaristia, pelas novas irmãs que lhe dava, apesar das dificuldades e dos dissabores. A sua oração estendia-se ao mundo todo. Era contemplação, paixão por Deus e pelas suas criaturas.

Por que a *lectio*

Ocorre ler a Bíblia de modo vivo, procurando descobrir o seu significado, esforçando-se para perscrutar qual é o seu discernimento a respeito da história atual, da Igreja, de nós mesmos. A Palavra é força de Deus e julga cada situação hoje. Como escutá-la, pois, de modo a acolher não só as ressonâncias de então, no momento em que foi escrita, mas a mensagem viva que diz respeito ao meu hoje? (Enzo Bianchi)

m.curti@cgfma.org



O EVANGELHO NA VIDA

Deus, onde estás? Ha 1, 2-3; 2-4; Lc 17, 5-10

Para mim é fácil imaginar que também vocês ficaram tocados pelas palavras desconsoladas do profeta Habacuc. Eu me perguntava: por que razão tão tocados? Por um lado, penso eu, porque as sentimos de uma atualidade ardente. Eram os tempos do profeta, nos quais, sob o domínio do tirano Joaquim, desencadeavam-se as injustiças, a corrupção, as lacerações do tecido social e da convivência civil: “Por que, Senhor, me fazes ver os crimes, as injustiças, por que me colocas perante violências e destruições, disputas e contendas? Eis que a lei cai no esquecimento, o direito não sai vencedor, os malvados enganam o inocente, o direito acaba por ser espezinhado”.

Até quando, Senhor?

Eis a pergunta inquietante do profeta, uma pergunta que parece interpelar-nos: “Até quando, Senhor, suplicarei sem que me escutes; a ti gritarei: ‘Violência’ sem que me socorras?” . Uma pergunta que encontramos sempre mais nos lábios das pessoas: mas, por que Deus não intervém? Mas, onde está Deus?

Escutando o grito do profeta, por um lado nos sentimos como sendo interpretados, por outro nos assalta um pensamento, uma dúvida, devastadora, sim digo devastadora: mas se as coisas estão assim, se hoje depois de milênios e milênios de percurso da humanidade estamos ainda neste ponto, não devemos talvez concluir que o mundo é assim mesmo, que é impossível mudar as coisas, que é uma ilusão? E que, quando muito, alguma coisa de diferente, para quem crê, poderá realizar-se só no além? É uma dúvida, um pensamento que perpassa o coração. É devastador.

Devastador porque nos desanima, nos torna resignados, nos esvazia, nos bloqueia. O profeta Habacuc diz uma palavra que deveria fazer-nos refletir também com relação a certos argumentos que hoje ouvimos ou apresentamos, argumentos eivados de derrotismo.

“Perece aquele que não tem a alma reta, enquanto o justo viverá pela fé”. Então, rende-se quem não tem a alma reta ou quem não tem fé. A nossa rendição, então, é sinal de uma alma menos reta ou de uma fé que não é fé.

Senhor, aumenta a nossa fé

E aqui entra em cena com a sua mensagem intrigante, o trecho do evangelho de Lucas que hoje meditamos. Com aquele pedido dos apóstolos que pareceria tão legítimo: “Senhor, aumenta a nossa fé”. Também aquele pedido nascia da constatação de uma desproporção. Jesus havia apenas acabado de lhes confiar um dever difícil, quase impossível: “Mas como? Tu dizes que devemos vigiar sobre os escândalos, resistir com força e no entanto nos dizes que, se um peca sete vezes e sete vezes num dia, arrependido, te pede perdão, tu o perdoarás. Mas tu nos pedes o impossível”.

Aumenta a nossa fé! Não é questão, diz Jesus, de maior ou menor quantidade de fé, mas de possuí-la ou não, porque se tiveres apenas uma migalha, um fragmento de fé do tamanho de um grãozinho de mostarda, poderás dizer a esta amoreira: transplanta-te daqui para o mar e ela te obedecerá. Justamente a amoreira, a árvore que tinha as raízes mais aprofundadas no terreno! Acontecem coisas que vão além das possibilidades e das previsões humanas.

Desarmados, descalços

Se eu tenho nos lábios a palavra “impossível” ou “sempre foi assim”, com muita frequência, vou precisar tirar uma conclusão. Não é que eu tenha necessidade de ter mais fé. É que eu não tenho uma fé autêntica.

Bastaria um fragmento dela, porque a fé não se assenta sobre os artifícios humanos, os apoios terrenos, mas sobre a promessa de Deus. E também, se te sentes pequenino, como um grãozinho de mostarda, é possível acontecer aquilo que aos olhos humanos pareceria impossível, porque “nada é impossível para Deus”.

Quem tem fé não se rende, mesmo se frágil, mesmo se desarmado.

Todos ficamos impressionados e fascinados, como espectadores, pela fé dos monges budistas da Birmânia: as suas túnicas vermelho-amarelas costumam a sair das nossas retinas. O que nos impressionava, pensando bem, era a fragilidade deles diante da potência do tirano, as cinco pedrinhas de Davi em confronto com a armadura poderosa de Golias. Quem tem fé, não sucumbe, não se rende. Ficamos discutindo se o budismo seja ou não fé. Embora nós, com a nossa fé, entreguemos os pontos antes, muito antes deles.

O bom ar do Evangelho

À luz do reconhecimento da própria pequenez e da onipotência de Deus, poderemos ler a parábola do servo que retorna dos campos ou dos rebanhos.

Nesta parábola, devemos logo precisar, Jesus está longe de aprovar um modo arrogante e despótico de agir por parte de quem comanda, mas quer, ao invés, convidar-nos a libertar a nossa religiosidade de um critério mercantil: “Eu te dei, tu me debes”. Libertar a religiosidade e a vida, da pretensão de reconhecimentos e de títulos, de ambições vazias: “Assim também vocês, quando tiverem feito tudo aquilo que lhes foi ordenado, digam: Somos servos inúteis. Fizemos tudo quanto devíamos ter feito”. Servos inúteis, não no sentido de que não seja importante o que se fez, mas no sentido de que não nos ensoberbeçamos, não nos exaltemos. Pequenos servos. Pensem que belo, que ar de evangelho se respira lá onde, não a sede de prêmios nem de títulos nem de reverências ou de aplausos, mas unicamente a alegria de ter feito tudo quanto nos foi pedido fazer, é que nos impulsiona diariamente a manter com fidelidade o nosso dever. Simplesmente pela beleza de fazê-lo. Então, existe um ar bom, não viciado. O bom ar do Evangelho.

Ângelo Casati



DIÁLOGO

O diálogo da salvação

Bruna Grassini

O diálogo pode ser fonte de enriquecimento e de cooperação fecunda.

Isto leva à comunicação recíproca das razões da própria fé. As diferenças, por vezes profundas entre as religiões, não dificultam o diálogo, ao contrário, podem ser oferecidas com humildade e confiança a Deus que é maior que o nosso coração.

O empenho da Igreja no diálogo provém da iniciativa de Deus e do exemplo de Jesus Cristo cuja vida, morte, ressurreição conferiram a expressão máxima a tal diálogo.

(Documento DM, 35-1984/DA53,1991)

A Turquia pode ser considerada, depois da Terra Santa, o segundo berço do cristianismo. Escreve o Vaticanoista Aldo Maria Valli: «No início do século XX os cristãos perfaziam 32%, hoje são menos de 0,1%. Quais são as causas desta situação? Até que ponto depende da expansão do Islã e até que ponto depende das divisões internas dos cristãos? Estamos diante de um fracasso, ou de um desígnio providencial que solicita aos cristãos a verificar as razões da própria fé, no confronto com os outros?».

Em 2002, quando teve início a construção do “muro de separação” da Palestina de Jerusalém, o Papa João Paulo II havia lançado uma advertência: «A Terra Santa não tem necessidade de muros, mas de pontes. Não pode erguer muros. Isto contradiz aquilo que fez o Mestre Jesus, que veio para derrubar todo muro de separação».

Devemos finalmente abandonar atitudes de oposição e de suspeitas. Para sustentar a própria identidade não é necessário tomar distância. Ao contrário, é confrontando-nos que emerge a riqueza da fé, das tradições, das realidades, dos valores comuns.

Recordemos o apelo do Papa João Paulo II na vigília de oração pela Paz, em 1993: «Abri. Abri o vosso coração a Deus. A paz verdadeira, aquela que Jesus nos deixou, apóia-se sobre a justiça, floresce no amor e na reconciliação. A paz na terra é o nosso dever hoje».

A coragem do diálogo

Escreve um poeta árabe: *“A paz é feita de milhares de fios de ouro, de seda, de flores de amendoeira: de centelhas de luz”*.

O Papa Bento XVI, falando às Religiosas, afirmava: «A paz é dom e responsabilidade. Nós temos um dever intransferível de ser testemunhas autênticas de fraternidade, testemunhas de Cristo, dispostos a ficar ao lado do fraco, do estrangeiro, do pobre, para compartilhar a mensagem do amor de Deus, mesmo se isto implica em desapego e sacrifício da própria vida».

Assim Padre André Santoro havia escolhido a Turquia, para testemunhar a fé, o amor, a busca de um caminho de paz: um diálogo feito de esperança, de partilha.

«Parti para morar na cidade de Abraão – escreve aos seus paroquianos de Roma – para viver um amor pleno de gratidão e de respeito por esta terra, para acender uma pequena, humílima centelha de diálogo, de boas relações, troca de dons espirituais entre hebraísmo, cristianismo e islamismo». Desde a primeira viagem à Turquia, quando Dom André ainda era seminarista, sentiu o fascínio pela Terra de Deus e a necessidade de descobrir o “rosto do Islã”, as origens da Igreja com suas tradições culturais e religiosas. Mas para além destas descobertas, Dom André procurava um lugar no qual

“habitar” com Deus, ter tempo para escutá-lo, para fazer-se preceder “protegido por Deus” convencido de que o diálogo inter-religioso pode facilitar uma contribuição recíproca na solução de problemas comuns.

Repetia com frequência: «É apenas através do diálogo que podemos nos encontrar realmente e construir a unidade».

“A porta aberta”

Dom André Santoro procura o diálogo, convicto de que Ocidente e Oriente, cristianismo e islamismo devam trocar idéias e confrontar-se a respeito da concepção que têm de Deus, da religião, da pessoa, da sociedade. Dialogar não é renunciar ao anúncio cristão. Ao contrário, significa anunciar claramente o Evangelho com as palavras e com o testemunho, mas não com espírito antagonista. O cristão não pode sentir-se inimigo de quem não pensa como ele. A paixão pelo diálogo leva Dom André até o heroísmo na partilha, na presença silenciosa e amorosa, à espera de que Deus aja de acordo com os seus tempos, só por Ele conhecidos.

Alguém o aconselha a fixar um tempo limitado para a abertura da Paróquia e ele responde: «As portas abertas são “sinal” do amor por todos indistintamente; todos são amigos em virtude de um amor que não julga, não estabelece tempos, hierarquias. Assim como Jesus, que, à noite, acolhe Nicodemos que vem ao seu encontro». A sua última carta com data de 26 de janeiro de 2006 é um autêntico testamento. Com palavras densas de amor pelo povo turco, propõe a todos o seu método: «ter para com todos um coração aberto e corajoso». Daqui nasce a confiança depositada no “diferente” e o fazer-se último pelo Evangelho. Por isso o diálogo inter-religioso pode ser chamado: Diálogo de Salvação: “porquanto na compreensão cristã da salvação, o chamado pessoal de Deus e o dom gratuito que Ele faz de si mesmo, opera a mediação de Jesus Cristo e do Espírito Santo” (DA, 40).

grassini@libero.it



O FIO DE ARIADNE

Reciprocidade

Giuseppina Teruggi

O eco de retorno das cartas mensais da Madre é sempre positivo e expressa gratidão. Foi precisamente a Madre quem revelou, numa conversa familiar há algum tempo, que as ressonâncias têm sido fortes particularmente com relação às circulares sobre o tema *relação* (cf circ. 887.888).

É um argumento que nos toca de modo vital e que constitui um dos desafios de nossa experiência comunitária. Uma dimensão, seja como for, típica de cada vida humana, porque a pessoa é essencialmente relação. “Torna-se pessoa numa referência de reciprocidade e de relação porquanto ser um para o outro é o elemento constitutivo que torna o ser humano pessoa”. (Paul Ricoeur).

Relação é reciprocidade

O relacional, na ótica personalista, é entendido como reciprocidade. O encontro do *eu* com o *tu* tem necessidade de encontrar alguma correlação de acolhida e de resposta, e o dom de si tem necessidade de obter uma ressonância. “A pessoa – notifica Giulia Paola Di Nicola – exige não só o desenvolvimento de suas capacidades de sair de si, mas também a resposta com uma atitude semelhante no outro, que alimente o relacionamento, criando uma realidade comum”.

Relação de reciprocidade é reconhecer o *primeiro lugar* para a pessoa acolhendo-a, assim como é, para além das qualidades e das competências. É situar-se na lógica do dar-receber, no confronto dos valores, projetos, com base num equilíbrio dinâmico entre autonomia pessoal e pertença a um grupo,

entre responsabilidade e necessidade dos outros, entre ser fiel a si mesmo e a possibilidade de troca com os outros.

Contrasta com a reciprocidade a atitude de quem quer a todo custo afirmar-se chegando ao extremo de opor-se aos outros; de quem se fecha nas suas qualidades pessoais a ponto de excluir quem julga ser diferente; de quem não quer compartilhar os talentos de que é dotado.

“Se eu e você trocarmos um dólar, um com o outro, ficaremos sempre com um dólar cada um. Se ao invés trocarmos uma idéia, você ficará com duas e eu também”, dizia Dan Zara, especialista americano em comunicação de massa. Parece uma consideração óbvia. Na realidade afirma uma verdade nem sempre fácil de ser assumida. Trocar coisas entre si é um gesto que deixa como estava antes e pode ser também sinal de egoísmo: eu lhe dou e você me dá. Trocar idéias ou amor entre si é em vez um enriquecimento. Ambos ficaremos mais dotados, mais felizes, mais humanos. Alguns têm uma vida cheia de coisas e pobre de felicidade porque no relacionamento perseguem uma lógica calculista: é o confronto das idéias, a reciprocidade do amor que transforma a alma e a capacita para saborear a beleza da vida.

Reciprocidade, todavia, não é apenas uma relação de dar e receber: é a própria essência da vida, que é gerada, nasce, evolui até a plenitude, só através dela. A relação com o outro me precede: por isso sou chamada a acolher os outros apreciando neles o dom, a ser responsável por eles manifestando a alteridade como princípio e lugar de crescimento e de formação pessoal.

Na comunidade, a reciprocidade tem o seu fundamento na partilha do mesmo carisma, da mesma identidade vocacional. Quanto mais assumimos o carisma, tanto mais se torna espontânea a decisão de relacionar-nos com as irmãs que receberam o mesmo dom do Espírito, conscientes de não ser proprietárias da nossa vida, ou únicas intérpretes do nosso caminho, mas de *pertencer a outros*, de *fazer parte* de um projeto que nos supera, no qual nos reconhecemos. Um projeto que pertence a todas e é confiado a todas.

Estilos diferentes de relação

Quando a relação não se instaura com gestos de reciprocidade, a comunicação é assimétrica, o outro torna-se um eu alienado, um ‘diferente’. Então, aguça-se o mal-estar social e a aproximação conduz unicamente a ser massa.

Acontece, às vezes, que o relacionamento entre pessoas ou o ato de doar-se não encontram ressonância. Busca-se lançar pontes que, no entanto, não são acolhidas por parte do outro, e isto cria uma situação de aridez, de formalismo, pobre de calor humano e de vida. A boa vontade do indivíduo que não encontra correspondência no interlocutor ou no grupo, não cai no vazio, todavia a falta de reciprocidade pode exaurir-se numa confirmação do valor pessoal de um dos interlocutores, mas não constrói uma verdadeira relação.

A pessoa pode empenhar-se numa doação oblativa sem limites e sem tempo: uma tensão talvez heróica, mas também frustrante e penosa. E talvez, com o passar do tempo, improdutiva. O dom de si deve suscitar respostas no movimento do dar e do receber, para satisfazer à necessidade humana fundamental de amar e ser amado, de colaborar e conviver. Num dinamismo de comunhão.

É evidente que a relação inter-pessoal está exposta aos condicionamentos ligados à psicologia de cada pessoa, à cultura, à sua história. Todavia, ela se torna reciprocidade quando um eleva o outro ao próprio nível ou aceita colocar-se no nível do outro, respeitando a diferença que o transcende, mas também experimentando profundamente a igualdade. Ao mesmo tempo, a reciprocidade não nivela as pessoas a ponto de torná-las uniformes e incapazes de ser elas mesmas de modo original e livre. Coloca-se aqui o desafio entre reciprocidade e respeito pela diferença. Há uma meta a ser perseguida: chegar a uma maturidade humana e espiritual que habilite relacionar-se com os outros no dom livre e gratuito, sem impedir o diálogo, o confronto, a troca de idéias e de valores. Também quando há diferença de formação, de cultura, de modo de ver. Também quando a ressonância não é imediatamente positiva. Com freqüência a reciprocidade apóia-se sobre a complementaridade, a composição harmônica da diferença, a capacidade de espera.

A vida em conjunto, que nós realizamos em comunidade, não nos isenta de um dado de fato: viver relações de reciprocidade é cansativo. Constatamos isto em nós mesmas quando respondemos com o

mutismo ou com a indiferença às pessoas, às situações que contrastam com o nosso modo de ver ou de sentir. Quando reagimos com agressividade diante de quem encarna um estilo de vida que não aprovamos ou que, simplesmente, não corresponde às nossas expectativas. Não vivemos as relações de reciprocidade quando assumimos comportamentos passivos que nos fecham em escolhas individualistas, com tranqüilidade garantida, sem entusiasmo e sem paixão.

Às vezes apelamos para os direitos de autonomia, apoiamo-nos em nossas capacidades de fazer frente às situações, excluindo o confronto ou evitando as orientações que poderiam iluminar-nos. Também isto é uma cilada para a reciprocidade.

O distanciamento das gerações, sempre mais evidente em tantas comunidades, pode expor-nos à mesma cilada. Vivendo juntas podem surgir conflitos determinados pela diferença das idades, em que é possível que as jovens olhem a realidade de modo idealístico equiparando-se a um padrão de 'dever ser', enquanto as irmãs com mais idade se limitam a oferecer soluções de prudência e de referência a uma experiência 'consolidada'.

Até tornar-se um para o outro

Hoje no Instituto percorrem-se caminhos fecundos de formação como *Comunidades educativas*, numa rede ampla de relações com os jovens, com os colaboradores e colaboradoras, com os pais. Geralmente, nossa eficácia relacional segue um processo que vai das relações com as pessoas mais próximas àquelas que alcançamos na missão educativa; da comunidade religiosa à mais ampla comunidade educativa de que fazemos parte.

Todas as relações comportam algumas modalidades de experiência sobre as quais podemos questionar-nos. Inferências a partir de uma reflexão oferecida pela revista *Testemunhos* (15/01/2007):

Um no outro. Somos chamadas a sentir-nos enxertadas uns nos outros, para que a linfa vital escorra e nos torne corpo único, enraizado na única vida, Cristo Jesus. Isto comporta a lógica da entrega de si ao outro, com confiança, rejeitando toda forma de *particularismo*, não colocando sobre si e sobre as próprias coisas algum cartaz de propriedade privada. Comporta também a lógica da acolhida recíproca, que é o coração do estar e do viver juntos. A acolhida toca o coração da pessoa, antes dos gestos, cria aproximação, derruba os muros, as divisões, os preconceitos, os medos e as suspeitas.

Um com o outro. Esta modalidade conduz à co-responsabilidade, a maturar a certeza de que somos responsáveis uns pelos outros e juntos construtores e construtoras de um projeto comum. É necessário educar-nos e deixar-nos educar ao envolvimento recíproco que ultrapassa a cômoda delegação de poderes, o fechamento no privativo. É importante também tomar conhecimento dos que vivem ao nosso lado, permitindo uns aos outros, poder intervir nas suas vidas. Viver juntos conduz à plenitude de humanidade quando nos abrimos ao perdão, à correção fraterna, ao acompanhamento recíproco visando a objetivos compartilhados.

Um pelo outro. É o ponto alto do amor reciprocamente oblato que chega à disponibilidade do dom total de si. O seu fundamento está na abnegação de Jesus, que se fez dom total para os outros, até as últimas conseqüências. Define o vértice do amor porque implica total gratuidade, sem nada exigir para si, serviço sem descontos e sem medida.

Também com o risco de não ser correspondido. A reciprocidade torna-se então caminho preparado por meio de uma lenta e trabalhosa sementeira, que certamente cedo ou tarde dará o seu fruto! Transforma-se, no fundo do coração, em gratidão porquanto é grande dom também, a vontade de doar-se.

gteruggi@cgfma.org



ENCARTE

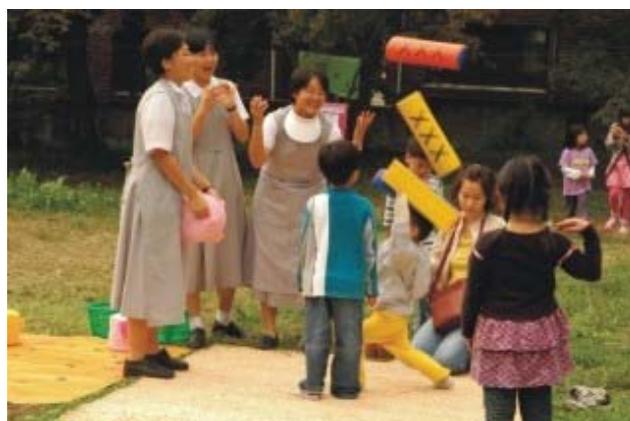


capítulo geral fma

O ícone de Pentecostes é também paradigma da nossa convocação das várias nações e culturas na escuta orante do Espírito, com Maria, e enviadas por Cristo Ressuscitado a levar às jovens e aos jovens, com renovado entusiasmo, o amor do Pai.



.CHAMADAS A SER HOJE, SINAL E EXPRESSÃO DO AMOR PREVENIENTE DE DEUS



O DESAFIO MAIOR...



«O amor constitui o núcleo dinâmico da experiência de Dom Bosco e de Maria Domingas: a profundidade de sua comunicação com Deus e o seu colocar-se na escola de Maria tornava-os atentos e sensíveis para perceber o grito de ajuda das/dos jovens pobres e abandonados; audazes e criativos na resposta às necessidades do seu tempo.

O amor preveniente de Deus nos abre à novidade do Espírito que nos impele para fronteiras sempre novas nos contextos multiculturais e multirreligiosos onde nos encontramos para trabalhar.

O maior desafio continua sendo hoje, como nas origens do Instituto, fazer perceber às/aos jovens que Deus os ama.

Este é o evangelho que todos sabem ler, também aqueles que ainda não receberam o anúncio da fé cristã».

(Carta da Madre, em preparação ao Capítulo Geral XXII)

Em busca – Leitura evangélica

COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

Por um trabalho qualificado

Mara Borsi

As FMA da Inspetoria “São Miguel Arcanjo” do Paraguai, na cidade de Villarrica, situada na Região de Guairá, no último mês de março, lançaram um projeto de desenvolvimento para a formação profissional de jovens e mulheres em dificuldade. Desde 1900, ano da fundação da primeira comunidade na nação, as FMA permaneceram decididamente ao lado das jovens.

O Paraguai passa por uma das mais profundas crises de sua história. Depois de 60 anos de governo do partido Colorado, a população espera por mudanças que gerem uma maior justiça social e uma distribuição de rendas mais equitativa.

Na primeira metade de 2007, sobre uma população de 6 milhões de pessoas, emigraram 300.000 paraguaios, o desemprego juvenil é de 20%, o salário mínimo parou nos 200 dólares, 16,4% da população vive com menos de um dólar ao dia.

Particularmente difícil é a situação em que se encontram crianças, adolescentes e jovens. Eis alguns dados significativos: 727.976 crianças vivem em pobreza extrema; os adolescentes pobres atingem o percentual de 67%; os jovens pobres passaram de 45.937, (em 1997) a 112.463, hoje.

Nesta difícil situação as FMA estão ao lado da população que sofre em consequência da pobreza e da falta de trabalho. Escolas, comunidades inseridas nas periferias da cidade, casas para as meninas *da* e *na* rua, partilha de vida com as populações indígenas *Ayoreos*, *Chamacocos* e *Maskoy* constituem o cenário da missão da Inspetoria.

A presença em Villarrica

Villarrica é a cidade mais importante da região de Guairá e fica situada a 172 km da capital do País, Assunção.

Nestes últimos dez anos, desenvolveu-se notavelmente a formação universitária passando a ser considerada a cidade universitária do Paraguai. Numerosos são os jovens que chegam de toda parte do País para freqüentar, sobretudo, a faculdade de Medicina da Universidade Católica que é a mais famosa e que atrai estudantes também do exterior.

A presença das FMA em Villarrica remonta a 1932, ano da fundação da primeira comunidade, mas agora na cidade há duas obras. Em 1964 o bispo Monsenhor Agustín Rodríguez pediu às FMA que assumissem a direção de um Patronato criado para a formação de jovens mulheres e mães. Assim, com a mudança da administração e com a chegada das FMA, o Patronato passou a se chamar *Casa Sagrada Família*.

A casa, no curso dos anos, foi sempre fiel à sua missão de promover a formação das jovens e das mulheres. Está situada na periferia da cidade e oferece uma Escola gratuita para meninas pobres *da* e *na* rua e a Academia de corte-costura e arte culinária. No último mês de março, em colaboração com diversos organismos, entre os quais a Conferência Episcopal Italiana, foi lançado um projeto de cooperação ao desenvolvimento com a finalidade de promover a qualidade dos cursos de formação profissional de corte, costura e cozinha. Os cursos são reconhecidos e autenticados pelo Ministério da Educação e da Cultura. Por meio do projeto as FMA pretendem iniciar um módulo de artesanato regional que utiliza um tecido bordado, chamado “*ao po’ i*”, típico da zona e da cultura *guaiareña* e muito apreciado tanto no País como no estrangeiro. A transformação deste tecido usa como matéria prima algodão de produção local, tanto para o tecido como para o bordado.

O projeto

80 jovens e mulheres da região são diretamente beneficiadas pelo projeto. Além das FMA, responsáveis pela continuidade do projeto, estão envolvidos como *parceiros* o bispo da região, a associação dos pais e a paróquia do bairro, onde se localiza a obra.

O projeto visa a atingir, em dois anos, os objetivos: promover a profissionalização das jovens e das mulheres para que possam ter acesso ao mundo do trabalho com uma atividade honesta; fortalecer sua identidade para que possam adquirir maturidade humana suficiente a fim de viver eficazmente a vida familiar, social e profissional; valorizar o trabalho como suporte do bem-estar pessoal e familiar.

Por meio do ensinamento teórico e prático, os encontros periódicos com as bordadeiras de Yatayty, lugar típico do *ao po'í*, as atividades de exposição e de comercialização dos produtos confeccionados durante os cursos, o projeto quer ensinar as jovens e as mulheres a elaborar estimativas em base à oferta e à procura; a utilizar as máquinas e os instrumentos referentes aos cursos frequentados (máquinas para a confecção de roupas, instrumentos para a cozinha industrial etc.); a agir com ética profissional e a entrar no mercado de trabalho de modo qualificado.

A comunidade e os familiares das mulheres e das jovens serão os beneficiários indiretos desta atividade formativa que se deseja, possa melhorar a qualidade de vida e combater a exclusão.

A consciência de que a formação da mulher produz a melhoria das condições de vida da infância, sustenta a confiança de poder opor-se à situação de pobreza e abandono de meninas e meninos, adolescentes e jovens.

mborsi@pcn.net



Se você quiser contribuir com o projeto basta consultar: <http://www.cgfmanet.org>, na sessão doações.

DIREITOS HUMANOS E VIDA CONSAGRADA

«Justiça e Paz se abraçarão» (Sl 84-85,11)

Julia Arciniegas

O Salmo 84(85) canta a esperança do povo hebreu ao sair da escravidão. Libertado do exílio da Babilônia, volta para a terra prometida.

Ele pensa ter conquistado, finalmente, a serenidade e a paz, porém, repatriado, encontra a destruição, a fome, a violência, a morte. Por isso, lembrando os benefícios recebidos, suplica com insistência a Deus: «*Não voltarás talvez a dar-nos a vida, para que em ti se alegre o teu povo?*»

Em resposta à oração levanta-se então uma voz profética que anuncia uma mensagem de paz, de misericórdia, de verdade e de justiça. Deus promete retomar o seu lugar no meio do povo, purificado pelo cativeiro e pelos sofrimentos. «*Escutarei o que diz Deus, o Senhor: ele anuncia a paz para o seu povo, para os seus fiéis, para quem se volta a ele de todo coração. Misericórdia e verdade se encontrarão, justiça e paz se abraçarão... A verdade brotará da terra e a justiça se inclinará do céu... À sua frente, a justiça caminhará e a salvação lhe seguirá os passos*».

A oração e a profecia encontram sua realização na vinda de Cristo: «*Ele, de fato, é a nossa paz*» (Ef 2,14), e «*tornou-se para nós sabedoria, justiça, santificação e redenção*» (1 Cor 1,30). Com esta certeza, no advento da história, marcado ainda pelo flagelo da injustiça que gera todo tipo de pobreza, o povo de Deus continua hoje a evocar a paz, plenitude dos dons messiânicos.

A paz, fruto da justiça

A relação entre paz e justiça é tão estreita a ponto de torná-las uma realidade inseparável. É conhecido o texto de Isaías que descreve a paz como fruto da justiça: «*O direito habitará no deserto e a justiça reinará no jardim. O fruto da justiça será a paz, fruto do direito, uma perene segurança*» (Is 32, 16-18). O apóstolo Tiago reafirma esta relação invertendo os termos: «*um fruto de justiça é semeado na paz para aqueles que promovem a paz*» (Tg 3, 18). A verdadeira paz não pode tolerar

as opressões, nem conviver com a injustiça. «Dizer 'paz', de fato, é postular uma condição de autêntico respeito pela dignidade e pelos direitos de cada ser humano permitindo-lhe realizar-se em plenitude». Esta afirmação de João Paulo II, sob um aspecto ou outro, reaparece a cada ano, na Mensagem para a Jornada Mundial da Paz. «É possível existir uma verdadeira paz, quando homens, mulheres e crianças, não conseguem viver plenamente sua dignidade humana? É possível existir uma paz duradoura num mundo regido por relações sociais, econômicas e políticas que privilegiam um grupo ou uma nação em detrimento de uma outra? No respeito aos direitos humanos, encontra-se o segredo da verdadeira paz » (Idem, 1999).

Felizes os construtores da paz

Como ficar indiferentes diante do sofrimento daqueles que foram despojados de tudo em consequência de uma guerra devastadora que destruiu o País e ceifou tantas vidas, por mais de vinte anos? A situação do Sudão Sul interpelou uma vez mais os religiosos e as religiosas, já presentes há anos naquele País africano.

Os bispos da região dirigiram-se à Comissão de Justiça, Paz e Integridade da Criação, das duas Uniões Internacionais de Superiores Gerais (USG / UISG) e apresentaram um premente SOS, diante da realidade crítica da população sudanesa. A resposta positiva foi imediata. 'Se você busca a paz, vá ao encontro dos pobres!'. Esta ordem ressoava no coração da delegação de religiosos/as que, impelidos a partilhar ativamente com Deus o amor preferencial por eles (Cf. SRS, 42), deslocou-se para fazer um levantamento de situações de emergência na área indicada.

Mesmo sendo o Sudão um País rico em recursos naturais, os resultados do conflito foram extremamente dramáticos. Percorrendo as aldeias, podia-se constatar que nada se resolve com a guerra: tudo fica seriamente comprometido por ela: aumenta o sofrimento dos pobres, antes, surgem novos pobres ao serem destruídos os meios de subsistência, as casas, as propriedades e danificado o próprio tecido do ambiente de vida.

O interesse gradual dos Institutos religiosos movimentou um projeto inter-congregacional de solidariedade que reafirma com gestos concretos a opção feita em conjunto no Congresso da Vida Consagrada (2004): "*Paixão por Cristo, paixão pela humanidade*". Quando a promoção da dignidade da pessoa é princípio-guia no qual se inspira, quando a busca do bem comum constitui o empenho predominante, então são colocados sólidos e duráveis fundamentos para a edificação da paz.

"As colunas da verdadeira paz são: a justiça e aquela particular forma de amor que é o perdão" (João Paulo II, 2001).

"Projeto de Solidariedade no Sudão Sul"

O escopo geral deste projeto inter-congregacional em favor dos Direitos Humanos, promovido pela USG / UISG, é ajudar a reconstruir uma sociedade e um país devastado pela guerra e fazer de modo que a qualificação do pessoal local seja a mais importante preocupação. Por isso, o projeto propõe criar um Instituto de Formação para Professores e um Instituto de Formação para Operadores Sanitários. A condução destes Centros foi assumida pelos Irmãos das Escolas Cristãs e pelas Irmãs Missionárias Combonianas, respectivamente.

Cinquenta e nove Congregações já assumiram um determinado empenho no interior do projeto mediante a oferta de pessoal e/ou de dinheiro. Em fevereiro de 2008, o primeiro grupo formado por três Irmãos de la Salle e uma FMA foram para o Malakal a fim de iniciar o Programa de Formação aos Professores. Em abril tiveram início os cursos de Inglês para setenta e cinco professores já em serviço, e para o pessoal da rádio. Atualmente estão trabalhando, juntamente com alguns especialistas do lugar, para completar a elaboração do projeto educativo. Antes do fim deste ano, pelo menos outros dezessete missionários estarão trabalhando no Sudão Meridional.

j.arciniegas@cgfma.org

FOTO



CLICK

As suas fotos mais bonitas...

*Publicamos algumas das fotos
que chegaram à redação.
As outras poderão ser encontradas
nos próximos números da revista.
Agradecemos a quem aderiu
ao concurso e a quem ainda
quiser fazê-lo. O nome do vencedor
será publicado no próximo
número.*



Entre céu e terra

Existe porventura alguma coisa a mais? Porventura lá em
cima alguém nos espera?
Talvez nos emita sinais que não saibamos captar.

Michal Kropidlo-Wroclaw-Polónia

Alegria de viver

Vontade de aprender a voar.
*Nicole Ann F. Galang – Balibago
Angeles City,
Pampanga*



Antecipação da Primavera

Vida nova,
alegria e
esperança.

*Comunidade de Genebra
Suiça*



Estudantes

Uma multidão de jovens a ser acompanhados
"Eu te darei a Mestra".

*Instituto Maria Auxiliadora
Rio do Sul - Brasil*



Virtude cívica

Anna Rita Cristaino

O Papa Bento XVI, no seu discurso aos membros da Fundação “Centésimus Annus – Pro Pontífice”, de 1º de junho passado, sublinhou que «só a partilha de uma cultura de participação responsável e ativa pode permitir a cada ser humano sentir-se, não como aproveitador ou testemunha passiva, mas como ativo colaborador no processo de desenvolvimento mundial»; cito o seguinte trecho da *Gaudium et Spes*: «*Os cristãos, nada podem desejar com mais ardor do que prestar serviço aos homens do mundo de hoje com maior generosidade e eficácia. Por isso, aderindo ao evangelho e alimentados com a sua força, unidos a todos os que amam e praticam a justiça, assumiram um compromisso imenso a ser cumprido nesta terra*» (nº 93).

Isto nos impele a educar-nos e a educar para a virtude cívica, que poderia ser definida como a capacidade dos cidadãos de sacrificar os próprios interesses pelo bem comum, para formar pessoas vigorosas no plano da sensibilidade ética, capazes, não só de compreender a realidade, mas também de querer e buscar o bem da humanidade. Um cidadão formado deste modo, não é apenas tolerante e interessado em salvaguardar os próprios limites de liberdade, mas é antes de tudo uma pessoa que sabe dar um significado exato à realidade em que se encontra e sabe agir de modo conseqüente. Muitas vezes, porém, esta tarefa educativa e formativa é rejeitada principalmente por quem tem a responsabilidade de representar a coletividade na gestão da administração política, gerando um crescente sentimento de desconfiança e de desinteresse por parte dos cidadãos. Quando se fala em *virtude cívica*, mesmo que a palavra virtude pareça estar fora de moda, remete-se a um conceito que não pára no princípio da partilha de valor em termos teóricos, mas pretende envolver os cidadãos na experiência direta com a sociedade civil, sem por isso, fazer dele um herói extraordinário. Todos deveriam estar em condições de desenvolver a própria capacidade de colocar-se a serviço do bem comum. A este ligam-se os sentimentos como a coragem civil, o sentimento cívico e de pertença, a capacidade de exercer a justiça e a tolerância, que modelam comportamentos tais como a participação à vida pública, a solidariedade para com os outros, o exercício da responsabilidade pessoal e social. Em cada projeto de cidadania ativa elaborado na forma de educação ético-civil, o objetivo deveria ser este: criar a “comunidade moral” com o objetivo de ajudar a conhecer o outro como pessoa, a estimar os membros da comunidade e a experimentar o sentimento de responsabilidade para com o grupo de pertença. Então talvez seja ainda atual o que dizia, num de seus discursos em 1945, José Dossetti, notável jurista e político italiano, que participou da assembleia constituinte, tornou-se em seguida sacerdote e participou do Concílio Vaticano II: «A única possibilidade e a condição prévia para uma reconstrução está exatamente nisto: uma vez que as pessoas são conscientes e honestas, que se convençam de que não é vantajoso ausentar-se da vida política e deixar, portanto, caminho aberto para as ruinosas experiências dos desonestos e aventureiros».

arcristaino@cgfma.org





Comunicar

**Informações, notícias, novidades
do mundo da mídia**

JOVENS.COM

Bem-vindos ao Web 2.0

Lucy Roces, Maria Antônia Chinello

O Word Wide Web (o WWW), como é conhecido, foi essencialmente estruturado para uma recepção passiva. Desde os primeiros anos do novo milênio, os recursos da multimídia (áudio, vídeo) estão na grande Rede.

Desde então, como usuários desfrutadores (e muitas vezes caçadores) de informações somos potencialmente capazes de criar comunicação.

O novo web é um canal de comunicação interativa, com base na contribuição, criatividade e colaboração. Alguns ambientes do Web 2.0 (este é o seu nome) já são conhecidos: sobre eles já escrevemos na Revista DMA. Palavras como *blogs, wikis, podcasting, vídeo/photo-sharing... peer-to-peer*, nos são familiares. Estes espaços de interação, de encontro, de troca em Rede já têm um papel importantíssimo na vida cotidiana de muitas pessoas, jovens e adultos, como também em nossa vida. Não se trata de permanecer conectados por mais tempo, ou de se beneficiar com os contatos velozes e fáceis mas, ao invés, de oportunidades para obter informações, compartilhar idéias, criar e inventar, produzir conteúdos. De qualidade, possivelmente.

Rede Social

No horizonte do Web 2.0 quando um site oferece aos visitantes utilidades como mandar mensagens, *bate-papos*, criar páginas pessoais, abrir um *blog*, preparar um álbum com as próprias fotos, carregar e descarregar músicas e vídeos preferidos... o conjunto de todas estas oportunidades cria o fenômeno conhecido como *Rede de Serviço Social*, que permite conectar-se e entrar em comunicação com uma rede de amigos espalhados pelas diversas comunidades on-line do planeta, envolver-se com um grupo de interesse para ampliar o círculo de conhecimentos. A linguagem do relacionamento social na Internet está mudando: cada vez mais ouve-se falar em "construir um perfil", torná-lo "público" ou "privado"; em "deixar comentários" ou "escrever mensagens", em posicionar um amigo no nível "topo" ou "fundo", em "bloquear" ou "acrescentar" uma pessoa entre os contatos. Os mais populares sites da Rede Social on-line são: *MySpace, Facebook, Friendster, Habbo, Bebo*. No Reino Unido, *MySpace* conta com aproximadamente 6,5 milhões de visitantes, seguido pelo *Bebo* (cerca de 4 milhões) e pelo *Facebook* com 3,2. Nos Estados Unidos, os números crescem: basta dizer que *MySpace* está no topo de todos os *rankings* com 38 milhões de assinantes.

Eu estou aqui!

A Rede Social pertence aos "digitais natos". Meninos, jovens, adolescentes estão ali conectados. Falam e escrevem sobre si mesmos, ocultam-se por meio de um apelido e com representação gráfica virtual, divertem-se mudando a aparência, assumindo múltiplas identidades, revelam-se e se escondem entre as linhas dos *blogs*, as fotos do *Facebook*, os vídeos do *YouTube*. O espaço da Rede, como a sua sala, é o refúgio, o teclado, o terminal de fios invisíveis, porém reais, de aventuras nômades, entre um bate-papo e a exibição de vídeos e filmes, a escuta de música e o comentário de fotografias, dentro e fora da rede, *online e offline...* E os adultos?

Um pouco de curiosidade

Sabemos que, como educadoras, é indispensável estar ao lado dos jovens, com o coração e com a mente, com a vontade e o tempo a ser gasto por eles. Muitas vezes, com referência às inovações das recentes tecnologias e às rápidas mutações da Internet, percebemos haver... perdido o trem, ter ficado um pouco para trás. Os jovens falam uma linguagem desconhecida. Urge preencher esta distância, reduzir os medos e os sentimentos de inferioridade... para isto basta uma pitada de curiosidade e os jovens passam a ser os nossos mestres. O encontro cotidiano, as relações educativas, a palavra ao ouvido, podem possibilitar diálogos que, a partir do conhecimento, nos levam a compartilhar, com mais profundidade, os valores e as escolhas, as atitudes e os comportamentos que eles assumem no uso da Rede, nas descobertas dos sites e informações, nas modalidades de estabelecer contatos e amizades, de compartilhar conteúdos e pensamentos pessoais, na produção e expressão de si mesmos, nos ambientes virtuais.

Através dos ambientes e recursos da Rede Social, os jovens aprendem a criar, a valorizar-se e a agir com sua própria identidade em desenvolvimento, confrontando-se com os outros. Seria interessante poder compartilhar no fórum do Instituto (cgfmanet.org), quando e como, nas diversas comunidades do mundo, a Internet e as novas tecnologias nos sustentaram na missão com e entre os jovens, de educar, de formar, de acompanhar o processo de crescimento e maturação, de planejar o futuro, de comunicar, de ajudá-los a se tornar cidadãos de suas cidades e do mundo. Ampliar-se-á o conhecimento, e a experiência de uma tornar-se-á tesouro e riqueza para as outras.

mac@cgfma.org
lmroces@gmail.com

Diário no Second Life

Eis-me novamente no SL... decidi entrevistar os meus amigos de aventura sobre o que pensam a respeito do SNS. *Emília Cornwall*, uma professora de Inglês aposentada, que agora trabalha no SL, em *Eduisland*: "a Rede Social – afirma – facilita a aprendizagem profissional das comunidades educativas: aprende-se com a experiência dos outros". Adeus, Emília! Tenho poucas linhas, por isso devo "teleportar-me" a uma outra ilha, *ISTE*... aqui encontro *Telos String e dgm Ferraris*. *Telos String* ensina Artes e Novas Tecnologias numa escola elementar. Este ano abriu um *blog*, mas não foi muito feliz: "os meninos ficavam enfasiados. Não suportam conectar-se com outras pessoas". *dgm Ferraris* é em vez coordenador técnico e estudioso do Web 2.0. Para ele a "tecnologia tem todos os requisitos para 'enganchar' os estudantes". Adeus, amigos! Vamos para *Cybertechs*, aqui está *Bárbara Meads*, uma docente universitária que, no seu curso de "technoliteracies" utiliza *SL* e *YouTube*, simulando uma classe virtual por meio do *Blackboard* (proximamente eu lhes explicarei o que é): "Os estudantes gostam da flexibilidade de um curso desenvolvido *on line*. Podem viajar ou ficar de pijama e frequentar as aulas. Discutimos por meio do *Blackboard*, que está muito próximo ao *blog*. Eles podem utilizar *SL* ou produzir vídeos para *YouTube* a fim de exercitar-se e aprofundar os conteúdos..." RL me chama e devo voltar... Os meus sonhos aumentam e os seus? Até a próxima, Adelphe.

Profundamente leigo, profundamente cristão

Palma Lionetti

Entre as dobras da vida cotidiana quem sabe quantas pessoas leigas, conhecidas ou menos conhecidas, consomem com paixão a própria “aventura cristã” na sincera convicção de que vale a pena não abandonar as tentativas, embora imperfeitas, de encontrar os outros pelo caminho, de viver e testemunhar a alegria e a liberdade dos filhos de Deus, de deixar o mundo um pouco melhor do que como foi encontrado. É o caso de Paulo Giuntella falecido em 22 de maio passado, jornalista e escritor, antes, “leigo inveterado” como ele se definia, formado pelo Escotismo e pela Ação Católica; rosto conhecido na televisão italiana, há muito tempo fazendo parte da comitiva do presidente da República Giorgio Napolitano.

Nas páginas introdutórias de um livro seu, escreveu sobre si mesmo: «Sinto o dever de devolver os privilégios que me foram oferecidos na “corte de meu pai” (...), mas também os privilégios que recebi nas reuniões que pude fazer em minha caminhada. Cada pedido de conferências ou de presenças, muitas vezes pesado pelas dificuldades de conseguir um dia livre no meu trabalho, eu acolho como um desígnio providencial porque me obriga a ler, a pensar, a buscar uma saída. E sinto, quando me ponho no teclado a escrever, uma espécie de dom de Deus. Porque sou obrigado a sair da aridez cotidiana, das preocupações de uma vida capturada pelos empenhos profissionais, pela preguiça intelectual, por muitas lutas em que me meto continuamente, pelas dúvidas sobre a condição laical, que, aliás, considero muitíssimo. (...) Parece-me que estou sempre atrasado, incompleto, superficial, imaginativo, mas não organizado, desordenado; em suma parece-me estar traindo aquela que deveria ser a minha vocação, e sobretudo o meu dever intelectual, já postos em perigo pela minha profissão que me obriga a ser rápido, a banalizar, a simplificar. Embora eu sinta a necessidade da *lentidão*. Em cada caso a redação dos meus textos está sempre ligada ao desejo de comunicar aos meus filhos, e até mesmo aos seus amigos, a minha *aventura cristã*. (...). É esta a minha oração (...) o teclado – ontem da máquina de escrever, hoje do computador – torna-se a harpa para o meu saltério, a condição de silêncio, de deserto, no qual cultivando as palavras, imprimindo as letras, acabo por escutar dentro de mim, por esforçar-me para escutar Deus, para pensar em Deus, num exercício de contemplação que depois, porém, nenhum texto conseguirá traduzir». E assim Giuntella, o jornalista de fé alegre, que no bar, no mercado, na agência do correio, gostava de entabular conversa com os jovens e com todos, num diálogo essencialmente franco, aberto, sorridente; que queria, fossem resgatadas na linguagem e na vida cristã palavras como felicidade, alegria; uma pessoa para quem a fé não existe se não se encarna... em suma, um leigo como tantos no mundo, com desejo de transmitir de geração em geração “*aquela tição ardente*” da fé que por sua vez havia recebido. Um leigo convicto de que “quando recebermos a graça absoluta da ressurreição, não a receberemos como salvação subjetiva, individual, mas em nossa totalidade humana, de mulheres e de homens que planejaram, lutaram, choraram e rezaram, nos lugares, nas praças, nas novas ágoras, nas fraternidades e nas empresas que a vida nos ofereceu”.

lpalma@email.it

Recomendação de sites interessantes

Anna Maria Mariani

comunicazione@fmairo.net

www.tr2000.it

Site oficial do movimento *Testemunhas do Ressuscitado* que nasce como espaço de encontro entre amigos unidos por um único ideal e por um único desejo: viver mais de perto a bela notícia da Ressurreição, fonte de alegria e de vida, no cotidiano e na realidade de cada dia. O movimento está aberto a todos, sem limites de idade, de procedência, de cultura; aqueles que começam a fazer parte vivem uma particular experiência de fé e de amizade, constituindo uma "família de famílias", na qual educa-se à cultura da vida para trabalhar melhor lá onde o Senhor chama. É um grupo de leigos da Família Salesiana que tem como objetivo ajudar a viver a espiritualidade pascal.

www.zammerumaskil.com

Zammerù Maskil em hebraico significa "Cantai a Deus com arte" (Sl. 47,8). É um site católico em italiano, francês e inglês dirigido por Paulo Freeman, pela esposa Francisca e por outros mantenedores; desenvolve a função de formar espiritualmente e culturalmente os fiéis e todos os homens de boa vontade interessados em crescer à luz de Cristo e da Igreja, no mar da Internet. O site prevê uma sessão de notícias e de imprensa católica aberta às novidades que vão desde o mundo até a pastoral, da ética à catequese. Não falta o mundo dos *software*: propõe e re-envia mais de 700 *software* gratuitos de utilidade pública, testados um por um, com muitos conselhos úteis para a manutenção do Pc e a organização de sites Web.

www.survival-international.org

Survival é o site da única organização mundial empenhada em sustentar os povos tribais de cada continente por meio de campanhas de mobilização da opinião pública. Fundada em 1969, depois da publicação de um artigo por Norman Lewis no Sunday Times inglês em que foram denunciados os massacres, o roubo de terras e o genocídio em curso na Amazônia brasileira, hoje *Survival* tem mantenedores em 82 países. Age em favor dos direitos dos povos tribais em três direções complementares: sensibilização e mobilização da opinião pública, educação para a diversidade e financiamento de pequenos projetos locais. Trabalha em estreita colaboração com as organizações indígenas locais, dando particular atenção aos povos tribais que correm maior risco e que, como de costume, são aqueles que, há menos tempo, estão em contato com o mundo externo.

<http://www.unimondo.org>

OneWorld é uma pequena organização britânica de comunicação. *One World Broadcasting Trust* (OWBT) trabalha desde 1987 para divulgar uma informação sobre os direitos humanos e desenvolvimento através dos meios de comunicação, empenhando-se para tornar mais visível a inter-relação entre os países do Norte e os do Sul. Desde 24 de janeiro de 1995 elabora *OneWorld On Line* com o objetivo de difundir uma informação via Internet voltada para as ONGs por um preço de custo muito reduzido em comparação aos meios de comunicação tradicionais.

VÍDEO

Mariolina Parenteler

Antes de partir

“The Bucket List”

De Rob Reiner – USA, 2008

Massacrado pelos críticos é, no entanto, um sucesso de completa aprovação pelo público. Escolho ao acaso entre as “opiniões” na Internet. Antônio, 22 anos: «Um filme diferente, muito bonito, que a crítica oficial com os seus parâmetros codificados e eruditos não chega a compreender. Saí do cinema muito emocionado com relação ao significado da vida. Muito bem feito com suavidade e estilo. Fala-se de doença e sofrimento, mas com delicadeza, quase com pudor. Foi o que, talvez, mais me tocou...». Fabry, 69: «Comovente, divertido, profundo, com um gigantesco Nicholson e um grande Freeman, tornando bastante redutivo o termo comédia. ÓTIMO!». Maxtaba: «Desconfiem dos críticos. Eu ri muito e, no final, também me emocionei. Argumento banal? Mas como!! Vão ver o filme. Argumento previsível? Pouco importa. É bom ver as pessoas questionar-se sobre suas próprias vidas, fazer um balanço, com sinceridade. E paciência se... é a proximidade do “fim” que leva a uma reflexão. Aconselhável para todos, também aos profissionais no campo da medicina...». É “Aconselhável” segundo o critério da Comissão de Avaliação Pastoral que o define “Recomendável” e convida a usá-lo nas temáticas existenciais fortes: amizade, doença, morte, solidariedade-amor.

“A listagem do fim”

O título original “The Bucket List”, a lista do fim, revela de imediato o coração do filme: a sua idéia narrativa e o seu tema-mensagem. A trama é a narrativa sobre dois doentes terminais que são companheiros de quarto num hospital. Eduardo, proprietário da clínica, bilionário egocêntrico e sarcástico passou toda a vida juntando dinheiro. Carter, sábio e culto, foi mecânico por quarenta anos: uma existência vivida entre as responsabilidades do trabalho e da família. Apesar de tão diferentes um do outro a ponto de parecerem os lados opostos da mesma medalha, durante a internação e o longo tempo que os obriga a pensar aprendem a aceitar-se, e ambos se descobrem determinados a não se submeter passivamente à inexorável sentença que lhes diz respeito. Decidem por isso destilar “A listagem do fim”, um elenco de todas as coisas que desejariam fazer, ou que pressentem em profundidade dever fazer antes de morrer e, até que o físico os sustente, decidem aventurar-se numa última viagem.

Ao longo do percurso, além de riscar da lista as experiências cumpridas, os dois homens aprenderão também a redescobrir a si mesmos e as alegrias verdadeiras da vida, antes que seja demasiado tarde. O filme transcorre, de fato, agradavelmente e sem grandes pretensões: muito é devido ao histriônico personagem interpretado por Jack Nicholson, mas Freeman não é menos admirável, tanto que foi definido, em coro “indubitavelmente irresistível”. O diretor Rob Reiner é o mesmo de “*Harry eu te apresento Sally*” e “*Misery não deve morrer*”. Há dois méritos relevantes nesta obra: consegue evitar qualquer forma de pieguice, trabalho não fácil considerando o tema e o ambiente hospitalar. «O que mais me surpreendeu, foi a delicadeza com que foi tratado um tema que, a meu ver, não é absolutamente fácil» comenta Géssica em 25 de maio, exatamente no dia de sua exibição.

A narrativa é simples e linear, intensa e agradável, graças também à verve dos dois protagonistas aos quais se agrega Sean Hayes, ex-astro de Will Grace, que aqui se tornou o assistente de Edward. Intuímos quase tudo o que vai acontecer, porque não é aquele tipo de filme que incide sobre deslumbrante surpresa, nem aspira a revolucionar as regras do cinema.

Para fazer pensar

Dois homens escapam de um hospital do setor para doentes terminais com câncer, e se aventuram por uma viagem durante a qual vão riscando numa lista as coisas que queriam absolutamente fazer antes de passar para a outra vida...

“E paciência se é a aproximação do fim que leva a uma reflexão”, comenta Maxtaba, deixando a sua opinião na Internet. A expressão diz indiretamente que, não obstante a criação cinematográfica ser pouco original deve-se admitir que diante de “Antes de partir” é preciso mudar de opinião. Tinha todos os documentos em ordem para ser um filminho patético, no entanto é um filme inteiramente digno e sábio. Uma obra honesta e emocionante que, embora não seja suficiente para mudar a nossa vida talvez seja capaz de torná-la mais apreciada e pode conduzir-nos de modo mais saudável a não adiar ou esquecer o inevitável “fim de linha”; a lembrar-nos de que diante dessa realidade ninguém poderá subtrair-se a duas necessidades: ser claro consigo mesmo e com suas opções e desejar percorrer o tempo que ainda lhe resta para fazer tudo aquilo que sempre desejou fazer. É assim que a lista, nascida de um exercício mental no próprio exame de consciência se transforma em Agenda concreta e corajosa das conquistas que contam mais e não podem ficar incompletas...

O sonho do filme

Exortar e ajudar o público a “...responder a duas simples perguntas: você encontrou a alegria em sua vida? E, sua vida trouxe alegria para a vida de alguém?”

Consegue fazê-lo por meio de uma “bela, apaixonante, moderada parábola sobre o encontro entre dois homens diferentes em tudo que no entanto descubrem inesperados valores comuns”, escreve L`ACEC em sua crítica. A síntese entre a vontade de não render-se ao mal e a capacidade de colher o belo, primeiro em lugares afastados e depois nas pequenas-grandes alegrias da vida cotidiana, cria fortes lampejos emocionais e momentos de reflexão intensos e nunca banais. Os feitos de caráter se abrandam na estima recíproca, na sensação de haver a possibilidade de enriquecimento mútuo, traçando uma linha única entre criatividade, amizade, amor, respeito e, sobretudo, a dignidade da dor suportada sem auto-comiseração. Dentre alguns riscos de retórica, bem evitados, apresentam-se também momentos de busca da Fé, com acenos sempre respeitosos e nada artificiosos.” – Não perca este filme.



Estante Vídeos – *Mariolina Parentaler*

O DIÁRIO DE UMA BABÁ

*Sharl Springer Berman,
Robert Pulcini – USA 2007*

Os dois diretores além de ser marido e mulher são dois ótimos documentaristas. *O Diário de uma Babá* é uma inteligente comédia, divertida e ágil a partir do clássico, em que o personagem principal passando por uma série de provas consegue realizar-se. Um filme que homenageia por diversas vezes a imortal película mãe de todas as Babás da Disney: Mary Poppins, e, para a Babá desta Agenda escolhe a esplêndida Scarlett Johansson, recém-diplomada e bem educada que deve relacionar-se com uma mãe orgulhosa da alta burguesia de Nova York.

No tom sócio-crítico que o caracteriza tende exatamente a enquadrar os usos, os costumes e os hábitos doentios de famílias ricas e elitistas, da Região Leste. Objetivo? Promover uma útil reflexão

sobre as conseqüências que daí derivam e que inevitavelmente recaem sobre os filhos. Insiste, porém, sobre uma apresentação do ambiente com referências culturais tão declaradamente americanas que parece excessiva. Ao invés, a figura da 'Babá protagonista' que daí provém, agrada, conquista e faz refletir. Trata-se de Annie, uma jovem que há pouco tempo deixou a condição "popular" graças a um diploma em economia e antropologia e que se encontra no dilema fundamental de sua existência: tentar a escalada no mundo do trabalho, como sugere a mãe enfermeira, ou seguir o sonho da busca universitária. Por um acaso fortuito ao invés quem vai decidir é o destino: far-lhe-á encontrar-se com uma mãe neurótica, ansiosa e esnobe, que lhe propõe um emprego em tempo integral como babá do seu filho Grayer..

Não obstante a total ignorância em assunto de crianças Annie decide aceitar, mas o emprego estará longe se ser tranqüilo. Dentro de um mundo que não era o seu, a inexperiente e suave babá conseguirá de algum modo fazer-se forte para lutar em favor do pequeno Grayer, superando a fraqueza de sua condição social com a força espiritual e humana.

PERSÉPOLIS

Marjane Satrapi – Vincent Paronnaud
França – 2007

Era o ano 2000 quando Marjane Satrapi publicou o primeiro volume de *Persépolis*, fotonovela autobiográfica ambientada durante a revolução iraniana, em 1979 e primeira fotonovela iraniana que chegou à imprensa. Agora podemos apresentá-la como o esplêndido super-premiado filme, vencedor do Prêmio da Giuria no Festival de Cannes. O seu título refere-se à antiga cidade histórica de Persépolis, mas a obra é um romance formativo: a viagem de Marjane à descoberta de si e do seu futuro. A viagem de uma moça que, com a ajuda de Deus, da avó e de quantos encontra durante o seu crescimento, consegue encontrar o próprio espaço no mundo. Narra, portanto, os acontecimentos, símbolo não único, mas possível das mudanças das gerações e histórico-culturais, de uma nação inteira, o Irã. É a mudança, na verdade, o núcleo temático em torno do qual se desenrola a história inteira: a mudança psicofísica de Marjane ao passar da adolescência à maturidade, a mudança histórica do Irã acontecida no final dos anos 70 e a mudança geográfico-social experimentada pela protagonista ao descobrir a Europa e uma nova realidade. O filme nos mostra, através dos olhos de Marjane aos nove anos, como as esperanças de mudança de sua gente foram sendo violadas lentamente quando os fundamentalistas islâmicos tomaram o poder, obrigando as mulheres a cobrir a cabeça e, por isso, aprisionando-as aos milhares. A obra termina com Marjane já com vinte e um anos, indo para a França, onde – no intervalo de anos – por meio desta obra consegue pela imprensa proporcionar à história, um Irã inesquecível e imortal. Obtém um clamoroso sucesso de público e de crítica que, de repente, declarou-se entusiasmada, com o filme. Importante para sua consciência ética. Pela figura maravilhosa da avó, dá o conselho mais doce e mais puro que se possa oferecer a um jovem – hoje e sempre: «Lembra-te de que seja qual for o acontecimento, não deverás jamais chegar a odiar. Não deverás jamais oferecer aos outros a possibilidade de fazer-te cair e de aviltar-te, de perder-te» - Não perca este filme.

Estante Livros – *Adriana Nepi*

Francesco Gesualdi **O MERCADOR DE ÁGUA**

Feltrinelli - 2007

A paixão por uma boa causa nos torna criativos: Francesco Gesualdi (o conhecido Francuccio de Dom Milani) aventura-se a ser escritor com sucesso narrando uma espécie de parábola moderna a respeito das graves conseqüências decorrentes da gestão desastrosa dos bens da terra, em particular

da água, aqui. Transporta-nos para uma ilha imaginária, ainda inteiramente imune dos desastres ambientais e sociais que afligem a sociedade atual. Nela habita uma comunidade que vive em paz, unida por uma solidariedade que considera como bem de todos, tudo quanto a natureza oferece e o trabalho dos homens produz meios de sua subsistência para todos. Uma terrível seca faz com que se criem restrições que revelam certas torturas monstruosas do nosso mundo, dominado pela corrida cega ao lucro. O odioso tirano da ilha torna-se o dono do único poço ainda utilizável, até ser vencido pela luta não violenta de todo um povo que consegue, com os recursos da inteligência, levar a melhor sobre a obtusa prepotência do patrão. Livro que poderia ser utilizado como leitura dirigida numa escola média, visto que apresenta de modo transparente os problemas por meio de uma narrativa empolgante.

Mario Botta – Paolo Crepet **ONDE MORAM AS EMOÇÕES**

Einaudi – 2007

Um diálogo conduzido por um jornalista com dois profissionais de fama conhecida: o arquiteto Botta e o psiquiatra e sociólogo Crepet. O primeiro trabalha para programar espaços tais que quem os habita sintam-se espiritualmente satisfeito e possa espelhar-se na própria identidade. O segundo investiga o mundo das emoções, em perspectiva psicanalítica, tão intimamente ligado aos ambientes da convivência cotidiana. Pensando bem, a nossa vida é todo um escandir de tempos e de espaços: a cidade, o lugar da vivência coletiva, tanto mais suscitadora de identidades quanto mais rica de passado e ao mesmo tempo harmoniosamente aberta ao novo; a casa, o lugar da habitação, na qual um tempo podia ler-se a história toda de uma família e na qual o indivíduo pode encontrar, mesmo depois de longa ausência, as próprias raízes; a escola, o lugar da aprendizagem, que com a harmoniosa funcionalidade e beleza dos seus espaços deveria ser a primeira ação pedagógica a acolher as novas gerações... e assim por diante nos lugares do trabalho, do lazer, da doença e da memória. E os lugares sagrados? Particularmente sugestivas são as páginas dedicadas a este argumento. A saúde e a riqueza das nossas emoções dependem em grande parte dos lugares em que vivemos. Não é por acaso que à pergunta: "Botta, como você imagina Deus?" o arquiteto responde: "*Deus é beleza, é beleza suprema*": não faço outra coisa senão citar a afirmação de Dostoevskij retomada por João Paulo II quando afirmou que "*só a beleza poderá salvar o mundo...*"

Takuji Ichikawa **QUANDO CAIR A CHUVA, VOLTAREI**

Salani – 2007

Como explicar o enorme sucesso obtido por este romance no Japão, uma sociedade tão pragmática e eficiente? Não será por força de certas necessidades irresistíveis da alma humana: uma esperança que dê sentido à vida, a necessidade de um amor que subsista para além da morte, a doçura dos vínculos familiares?

Uma pequena família, até ontem feliz, vive a ausência da jovem mulher arrebatada prematuramente, ao amor do marido e do filhinho. O homem afaga um sonho e o confia a um velho amigo: escrever um romance em memória da esposa repentinamente falecida, para dar ao pequeno. E o romance é exatamente a narrativa que lemos...

Por meio de um estranho jogo de fantasia, Mio, a doce companheira ausente, volta a viver aqueles dias felizes sobre a terra, por um breve tempo. O pai explicou ao pequeno Yurji que sua mãe agora está no Arquivo, lá onde se encontram os que ainda vivem no coração daqueles que os amaram: é a única possibilidade "do lado de lá" para quem ignora os grandes horizontes da fé cristã... O milagroso reaparecimento de Mio faz com que a breve história de amor rapidamente truncada pela morte seja revivida com intensidade e acrescida da consciência de logo precisar terminar.

O silêncio da inocência

A luta de uma “sobrevivente” contra a exploração sexual de mulheres e crianças

Somaly Mam

Distinguida pelo prêmio Príncipe das Astúrias e indicada pela rainha da Espanha ao prêmio Nobel pela Paz, a autora do livro é também a protagonista dele. Nascida numa aldeia da paupérrima região campesina do Camboja, onde não é raro que crianças de cinco ou seis anos sejam vendidas por pouco dinheiro, Somaly Mam relata-nos sua triste história: a história de uma vítima que, depois de ter sido capaz de resgatar-se a si mesma, dedicará a sua vida ao resgate de outras inumeráveis vítimas do cinismo, da cobiça, da monstruosa brutalidade de tantos homens.

Sem os pais, que nunca chegou a conhecer, vive jogada de um lugar para o outro pelos pobres aldeões habituados a um costume de coletivismo primitivo. Confiada, nos anos 70 por uma espécie de tutor, a um velho que ela chamará de avô, logo se torna a escrava dele: socos, maus tratos de todo tipo, trabalhos pesadíssimos para uma menina de dez anos. Aos doze anos, é enviada pelo avô a um agiota a quem devia dinheiro, com uma incumbência de pretexto. Brutalmente violentada, guardará por muito tempo o silêncio sobre a violência suportada: além das ameaças do agressor, é impensável uma semelhante revelação, segundo a mentalidade cambojana,.

Aos quinze anos o avô encontra um marido para ela. “Eu não tinha nenhum direito de rebelar-me diante de suas decisões. Sobretudo nós mulheres, somos obrigadas a obedecer e, se não o fazemos, somos punidas e também – por que não? – espancadas até a morte...”. Tendo falecido o marido, Somaly passa a trabalhar como servente e depois como enfermeira num hospital completamente desprovido dos equipamentos necessários: descobre que certos médicos abusam das enfermeiras jovens, assiste horrorizada à morte de tantas parturientes, por febres puerperais causadas pela falta de higiene.

Por ocasião da morte do avô, é vendida ao bordel de Phnom Penh e, depois de uma inútil rebelião, é obrigada a suportar todo tipo de violência. Foragida, enganada e repetidamente vendida é obrigada a retornar à “casa fechada” de Phom Penh onde consegue ganhar a confiança da gerente, simulando uma total resignação e submissão. A relativa liberdade da qual goza (mandam-na à noite para atrair clientes) poderia talvez dar-lhe uma nova possibilidade de fuga, mas uma espécie de abatimento, de fatalista resignação ao seu destino, a detém. Para onde ir, afinal? E depois há as adolescentes que continuam a chegar diariamente (algumas ainda meninas), e ela sabe o que as espera. Como abandoná-las? “As adolescentes – escreverá mais tarde – nunca consentiram, sobretudo as mais jovens. Choraram todos os dias de vergonha e de horror por ser obrigadas a fazer o que os clientes pretendem delas. O cliente paga e, então, é patrão; tem o direito de espancar a adolescente se isto lhe dá prazer, paga para os seus companheiros que chegam em cinco ou dez e se divertem todos juntos com a pobrezinha. Em geral estão caindo de tão bêbados... Muitas adolescentes morrem logo depois dos maus tratos e os seus corpos são encontrados em qualquer lixo público...”. Não faltam leis escritas, mas a corrupção as burla.

A sorte (a Providência, diremos nós) coloca no caminho de Somaly um branco que a desposa e a leva para a França. Depois de alguns anos de ajustamento, Pierre, o marido, por motivos de trabalho volta ao Camboja e a mulher o acompanha. Não tendo esquecido as desventuradas companheiras de um tempo tomou a iniciativa de fazer alguma coisa para libertar mulheres e meninas prisioneiras na rede de prostituição. Ajudada pelo marido, consegue criar uma associação, a AFESIP (Ação em favor das mulheres em situação precária). Um empreendimento extremamente difícil (problemas burocráticos, dificuldades financeiras) e também arriscado. Quantas ameaças de morte a Somaly e aos três filhos! A obra, porém, vai adiante e surgem centros bem organizados de acolhida, não só no Camboja, mas também no Vietnã e na Tailândia, onde criaturas que pareciam destruídas são ajudadas a reencontrar o gosto pela vida, não tanto pelo conforto material nunca antes experimentado, mas pela compreensão e o afeto que as circundam. “Quando chegam adolescentes novas e me contam o que têm vivido, eu me revejo na mesma situação, então, todo o passado se

reaviva na minha memória como numa explosão e não consigo controlar a minha emoção: choramos juntas e isto nos faz bem". A AFESIP promove, além do mais, também na Europa, uma vasta campanha de sensibilização e de educação sanitária. Poder-se-á objetar: salvam-se muitas criaturas, busca-se provocar a opinião pública a tomar consciência da gravidade e extensão do fenómeno, mas o que se faz para atingir os responsáveis de tanto terror? A resposta é muito triste: "Levamos até agora cerca de dois mil casos ao tribunal: vencemos apenas 5% dos casos... E o pior é que os autores dos crimes não ficam mais de seis meses na prisão!

"Repasso as notícias chorando – confidencia Somaly. Quando eu era pequena tinha feridas e contusões pelo corpo todo, agora conheço a tortura moral. As ameaças que pesam em cima de mim não me causam medo mais, porém, o medo dos meus colaboradores é um novo peso... Digo com frequência que é preciso ser louco para levar adiante uma luta como a nossa; é preciso ter um passado terrível para lançar-se num presente tão odioso e insuportável...". Desabafos de um esmorecimento humano que ressalta ainda mais a coragem desta mulher, que termina o livro fazendo um enérgico apelo: "É preciso continuar na luta contra qualquer tentativa de minar a dignidade humana. Jamais devemos ceder!".



NO PRÓXIMO NÚMERO

DOSSIÊ: Diálogo com as religiões do mundo

PRIMEIRO PLANO: **Fio de Ariadne**
O medo do diferente

EM BUSCA: **Polis**
O bem comum

COMUNICAR: **Jovem.com**
Partilha e troca de arquivos

Eles conosco, ou nós com eles?

Foi num dia distante (do primeiro século em que se desenrolou a minha vida) quando numa memorável troca de opiniões com algumas Irmãs senti clarear providencialmente as minhas idéias, depois de uma dos maiores “foras” da minha vida. Falava-se do LEIGO, que na missão da Igreja tem um dever a cumprir. O meu pensamento de jovem FMA, inexperiente e toda voltada ao meu noviciado encaminhava-me instintivamente àquele homenzinho silencioso e humilde – às vezes eram dois – que via varrer as folhas da alameda da entrada, ou tirar com a pá a neve nas rígidas manhãs de inverno, antes da chegada dos alunos. Em seguida a porteira o introduzia na sua guarita e lhe preparava uma xícara de leite quente. Eu o via como um “colaborador” em nossas jornadas de trabalho e nada mais.

A este episódio aludiu minha memória ao folhear os jornais e deparar com títulos deste gênero: «A igreja mobiliza o laicato»; «Aos leigos compete uma tarefa insubstituível»; «O Papa confia um empenho aos leigos». Fala-se de “ministérios laicais”, que a Igreja reconhece e aprecia enquanto, os leigos, por sua vez, empenham-se por assimilar e difundir os ensinamentos do Magistério da Igreja em todos os campos, também lá, onde o clero não pode intervir.

Repensando a minha desprevenida ingenuidade daquele dia distante ri de mim mesma, alegre e um pouco envergonhada. Agora – disse a mim mesma – tudo está diferente e também as neoprofessas, que no noviciado fazem estudos profundos, sabem que o apostolado dos leigos não é apenas um substitutivo nas Instituições eclesiais ou religiosas; eles têm uma identidade vocacional, que hoje nos interpela para uma integração de iniciativas, de propostas e de realizações. Eles conosco e nós com eles, para enfrentar as novas fronteiras da evangelização juntos, com unidade de objetivos.

Como se viu na preparação do nosso Capítulo Geral. Nas assembleias comunitárias, sabe-se, não há limites de idade por isso também eu tive a minha “parte ativa”; mas, acima de tudo aprendi. Aprofundei para o meu futuro: que será aqui em baixo ou lá em cima – pouco importa – mas será certamente em Deus. Gostei daquela pergunta que nos fizemos: como podemos, no nosso relacionamento com os leigos, ser expressão daquele amor preveniente do qual é mestra Maria Santíssima? Creio que a melhor resposta seja a que encontramos na primeira Encíclica do nosso maravilhoso Papa Bento. Ele diz que devemos ser – todos os que trabalhamos pelo bem - «pessoas movidas antes de mais nada pelo amor de Cristo, pessoas cujo coração Cristo conquistou com o seu amor, despertando nele o amor ao próximo» (*Deus caritas est, 33*). Porque – acrescenta – a caridade é sempre muito mais que simples atividade». Como é grande, maravilhoso tudo isto!

Então: eles conosco e nós com eles, juntos para testemunhar a Verdade e dizer que Deus nos ama. Arregacemos as mangas, irmãs!

Palavra de *Camilla*

Camilla.dma@gmail.com



Pensamentos

Amor é cada movimento
da nossa alma
no qual ela se sente em si
e percebe a própria vida.
(Hermann Hesse)

DIREITOS



O menino deve ser protegido
contra toda forma de negligência,
de crueldade e de exploração.
Ele não deve ser objeto de mercado,
sob qualquer forma...

Em nenhum caso deve ser obrigado
ou autorizado a aceitar uma ocupação
ou um emprego que prejudique sua saúde
e sua instrução ou que impeça
o seu desenvolvimento físico, mental ou moral.